

## Colonialismo e Jogos Olímpicos: o caso de Saint Louis-1904 e dos ‘Dias Antropológicos’

Colonialism and the Olympic Games:  
the case of Saint Louis-1904 and the ‘Anthropological Days’

**Guilherme Silva Pires de Freitas**

Universidade de São Paulo  
Escola de Artes, Ciências e Humanidades, São Paulo/SP, Brasil  
guilhermespfreitas@usp.br

**RESUMO:** Em 1904 a cidade estadunidense de Saint Louis sediou a terceira edição dos Jogos Olímpicos da Era Moderna. A competição integrou o programa da Exposição Universal, um dos maiores eventos internacionais da época e que celebrava, com um ano de atraso, o centenário da compra do território da Louisiana pelo governo dos Estados Unidos. Os Jogos ocorreram entre julho e novembro, sendo marcados pela bagunça na organização dos eventos esportivos e irritando Pierre de Coubertin, então presidente do Comitê Olímpico Internacional. Semanas antes das disputas olímpicas terem início, ocorreram os controversos “Dias Antropológicos”, uma espécie de disputa esportiva envolvendo membros de populações originárias de várias partes do mundo. O torneio, que mesclava modalidades olímpicas com outras atividades, buscava comprovar a supremacia racial e intelectual do homem branco frente à outras etnias, demonstrando como o esporte foi um espaço relevante de manifestação do pensamento colonialista e refletiu os efeitos sociais da época.

**PALAVRAS-CHAVE:** Jogos Olímpicos; Colonialismo; Saint Louis-1904; Dias Antropológicos; Comitê Olímpico Internacional.

**ABSTRACT:** In 1904, the American city of Saint Louis hosted the third edition of the Modern Olympic Games. The competition was part of the Universal Exposition program, one of the biggest international events of the time and which celebrated, one year late, the centenary of the purchase of the Louisiana territory by the United States government. The Games took place between July and November and were marked by chaos in the organization of sporting events and angered Pierre de Coubertin, then president of the International Olympic Committee. Weeks before the Olympic competitions began, the controversial “Anthropological Days” took place. A type of sporting dispute involving members of populations originate from various parts of the world. The tournament, which mixed Olympic modalities with other activities, sought to prove the racial and intellectual supremacy of white men over other ethnicities, demonstrating how sport was a relevant space for the manifestation of colonialist thought and reflected the social effects of the time.

**KEYWORDS:** Olympic Games; Colonialism; Saint Louis-1904; Anthropology Days; International Olympic Committee.

## INTRODUÇÃO

Em 1904 a cidade de Saint Louis, nos Estados Unidos, sediou a terceira edição dos Jogos Olímpicos de Verão da Era Moderna. O evento entrou para a história olímpica não apenas por ter sido o primeiro a ser disputado fora da Europa, mas também pela realização dos controversos “Dias Antropológicos” a poucas semanas do início das atividades olímpicas. A competição, se é que podemos defini-la desta forma, fez parte da programação da Exposição Universal de Saint Louis e reuniu populações originárias de diversas partes do mundo para demonstrarem suas habilidades esportivas. Este festival alternativo ainda mostrou ao mundo como o colonialismo vigente na época se refletia no esporte e no Movimento Olímpico.

Porém, antes de adentrar neste assunto é preciso contextualizar o momento histórico de quando estes Jogos Olímpicos foram disputados. No início do século XX o mundo era controlado pelos Impérios europeus que “dominavam formalmente grande parte da superfície da Terra”, além de exercer “controle informal no restante do globo empregando seu poder econômico, financeiro e tecnológico”.<sup>1</sup> Além do vasto poder econômico e da enorme área geográfica sob seus domínios, estes impérios difundiam a mentalidade da superioridade racial, se considerando nações civilizadas em oposição aos bárbaros e que tinham a missão de “civilizar os brutos”.<sup>2</sup> Este discurso civilizatório foi um dos pilares do colonialismo que vigorava no período.

Como o esporte nunca está alheio aos acontecimentos da sociedade, o comportamento colonial também pode ser observado dentro do Movimento Olímpico desde a estrutura de poder do Comitê Olímpico Internacional (COI), conduzido pela aristocracia europeia,<sup>3</sup> até nas delegações enviadas para as primeiras edições olímpicas, com alguns membros dessas equipes sendo compostas por integrantes da realeza e elite de seus respectivos países.<sup>4</sup> A edição de 1904 foi polêmica não apenas

---

<sup>1</sup> MACMILLAN. *A Primeira Guerra Mundial... que acabaria com as guerras*, p. 16.

<sup>2</sup> FERREIRA JÚNIOR. *Colonisation Sportive: o laboratório da “simbiose” racismo e esporte moderno*, p. 75.

<sup>3</sup> GIGLIO; RUBIO. *A hegemonia europeia no Comitê Olímpico Internacional*, p. 291.

<sup>4</sup> Entre alguns nomes desta aristocracia, destaca-se o Rei Olavo V da Noruega, campeão olímpico na vela nos Jogos de Amsterdã-1928; o príncipe da Prússia Frederico Karl, medalhista de bronze no hipismo nos Jogos de Estocolmo-1912 e a americana Abbie Pratt, que futuramente viria a se tornar a princesa da Sérvia Daria Karageorgevich e foi medalhista de bronze no golfe nos Jogos de Paris-1900. PEREZ. *Royalty and the Olympic Games: from Ancient Greece to the Present Day*, p. 25.

pela realização dos “Dias Antropológicos”, mas também pela controversa escolha da cidade de Saint Louis como sede olímpica pelo governo estadunidense, ignorando o fato de Chicago ter sido eleita pelo COI para receber os Jogos. A opção por Saint Louis também foi vista pelos Estados Unidos como uma ótima alternativa para mostrar ao mundo seu poderio econômico e se firmar como potência emergente global.

Portanto este trabalho tem como objetivo relacionar o colonialismo com os Jogos Olímpicos, utilizando os “Dias Antropológicos” como principal instrumento de pesquisa para demonstrar tal ligação. A ideologia e a política colonial, vigentes na sociedade da época, também estavam presentes dentro da esfera esportiva, como será demonstrado neste artigo. Esta conexão pode ser vista tanto dentro da estrutura de organizações internacionais como o COI, quanto nos eventos, especialmente no caso da edição de Saint Louis-1904.

Este artigo terá como abordagem metodológica um levantamento da literatura acadêmica sobre colonialismo e estudos olímpicos através de pesquisas de autores como Ferreira Júnior (2021), Delsahut (2011), Forsyth; Wamsley (2005), Oliveira (2020), Fanon (2022) e Césaire (2020), além dos escritos do próprio Coubertin (2015) sobre a edição olímpica e os ideais do Olimpismo da época. O trabalho está dividido em cinco partes: uma análise sobre o colonialismo e o contexto histórico da época dos Jogos de 1904, as relações entre o COI e a ideologia colonial do período, uma discussão sobre os “Dias Antropológicos” e as convicções colonialistas, uma breve trajetória sobre o fortalecimento dos ideais olímpicos após os desdobramentos da edição de Saint Louis e as considerações finais.

## **COLONIALISMO E CONTEXTO HISTÓRICO DA ÉPOCA**

Antes de investigar os controversos Jogos Olímpicos de 1904 e as relações do Movimento Olímpico com o colonialismo, é necessário trazer um contexto da época de disputa do evento. No início do século XX o mundo ainda vivia na era dos Impérios coloniais, com a maior parte territorial do globo estando sob controle das principais potências europeias: Reino Unido, França, Portugal, Espanha, Bélgica, Itália, Alemanha e Países Baixos. Os britânicos dominavam a maior fração de terra e, inclusive,

uma célebre frase sobre o poderio do Reino Unido tornou-se famosa onde dizia que no Império britânico, o sol nunca se punha.

Duas décadas antes dos Jogos de Saint Louis, entre 1884 e 1885, aconteceu na Alemanha a Conferência de Berlim. Este encontro reuniu os principais mandatários dos países europeus, dos Estados Unidos e do Império Otomano, que decidiram qual seria o destino de África. O continente era ocupado em quase sua totalidade pelas forças imperiais europeias, sendo que as únicas exceções eram a Libéria e a Etiópia, já independentes. Este encontro na capital do Império Alemão, foi o início de um processo conhecido popularmente como “Partilha de África”, onde as potências europeias deram início aos planos de conquista no continente e concluíram entre si acordos de delimitação de fronteiras.<sup>5</sup> Foi uma mostra do poderio imperial e da força do colonialismo vigente.

Esta dominação, exposta no ato de retalhar um continente inteiro visando ganhos políticos e econômicos, juntando etnias rivais sob um mesmo território e ignorando diferenças tribais e históricas entre esses povos, foi apenas mais um exemplo do como operava o colonialismo e os ideais que vigoravam na época dos Jogos de Saint Louis. As influentes correntes de pensamentos do período, que colocavam os europeus como superiores e civilizados em relação aos povos colonizados, fortaleceram este comportamento violento nos territórios ocupados.

Maquiada em um discurso civilizatório, a colonização imposta pelas potências ocidentais era na prática algo bem diferente do que se dizia levar as populações ocupadas. A missão de conduzir os “selvagens” ao conhecimento e lhes dar bons hábitos, não foi feita a base de afeto e cuidado, mas sim de violência e dominação frente aos povos colonizados. Cesairé (2020) define o colonialismo como uma agressão, uma pilhagem, afirmando que a colonização:

[...] não é nem evangelização, nem empreendimento filantrópico, nem vontade de empurrar para trás as fronteiras de ignorância, da doença e da tirania, nem expansão de Deus, nem extensão do Direito; é admitir de uma vez por todas, sem recuar ante as consequências, que o gesto decisivo aqui é do aventureiro e do pirata [...] da colonização à civilização, a distância é infinita; que, de todas as expedições coloniais acumuladas, de todos os

---

<sup>5</sup> FERRO. *A colonização explicada a todos*, p. 69-70.

estatutos coloniais elaborados, de todas as circulares ministeriais despachadas, não sobraria um único valor humano.<sup>6</sup>

Contemporâneo de Cesairé, Fanon foi outro grande intelectual martinicano e um dos maiores expoentes da luta anticolonial no século XX. Ele afirmou que o colonialismo nunca foi algo civilizatório que buscasse transmitir razão e conhecimento para os colonizados, como as potências ocidentais afirmavam fazer em suas ocupações mundo a fora. Para o autor o colonialismo era somente uma “violência em estado de natureza”,<sup>7</sup> que desumaniza e humilha o oprimido, além de construir e perpetuar estereótipos. Inclusive, Fanon (2022) defendeu que a violência seria uma alternativa para combater a mesma violência imposta pelo colonizador. Uma de suas frases mais famosas é que “o homem colonizado se liberta na e pela violência”,<sup>8</sup> defendendo que apenas uma reação na mesma medida traria a liberdade e dignidade para as populações colonizadas, após séculos de opressão.

Como aponta Cesairé, a colonização trouxe aos colonizados diversos males como trabalho forçado, roubos, estupros, imposição cultural, desprezo, entre outras desgraças.<sup>9</sup> O poeta martinicano ainda afirma que;

[...] a colonização, repito, desumaniza até o homem mais civilizado; que a ação colonial, o empreendimento colonial, a conquista colonial fundada no desprezo pelo homem nativo e justificada por esse desprezo, inevitavelmente, tende a modificar a pessoa que o empreende; que o colonizador, ao acostumar-se a ver o outro como animal, ao treinar-se para tratá-lo como um animal, tende objetivamente, para tirar o peso da consciência, a se transformar, ele próprio em animal.<sup>10</sup>

A brutalidade vista em diferentes regimes coloniais na Era Imperialista, como aponta Ferro,<sup>11</sup> vai de encontro com o pensamento de Cesairé. O dito civilizado ao invés de levar conhecimento e progresso aos povos ocupados, se bestializa e comete diversas atrocidades visando manter seus lucros às custas da vida do colonizado.

A questão civilizatória, bastante presente nos discursos do século XIX, se alia ainda as teorias científicas da época que colocavam o homem branco em posição

<sup>6</sup> CESAIRÉ. *Discurso sobre o colonialismo*, p. 10-1.

<sup>7</sup> FANON. *Os condenados da terra*, p. 58.

<sup>8</sup> FANON. *Os condenados da terra*, p. 82.

<sup>9</sup> CESAIRÉ. *Discurso sobre o colonialismo*, p. 24.

<sup>10</sup> CESAIRÉ. *Discurso sobre o colonialismo*, p. 23.

<sup>11</sup> FERRO. *A colonização explicada a todos*, p. 14.

superior diante das demais etnias sob ocupação dos impérios coloniais. Desta forma as missões civilizadoras seriam um dever moral do homem branco, uma obrigação em educar as ditas “raças inferiores”, que eram atrasadas e infantilizadas segundo os cientistas da época.<sup>12</sup> Todas estas ações ainda ajudaram a enriquecer as economias das potências coloniais, que engordavam seus cofres com riquezas extraídas das diferentes colônias ao longo de séculos de exploração.

O pensamento de superioridade que vigorava na Europa, também ressoava do outro lado do Oceano Atlântico. Tendo alguns territórios sob suas posses, os Estados Unidos da América começavam a exercer uma grande influência na geopolítica global.<sup>13</sup> Com uma visão cada vez mais imperialista, os estadunidenses também tinham aspirações para aumentar seu poderio político, econômico e militar, como pode ser observado antes e durante a realização dos Jogos Olímpicos em Saint Louis.

Com a mentalidade preconceituosa enraizada na época, seria uma grande surpresa esperar algo diferente também na esfera esportiva. O pensamento colonial que era exposto na política e no cotidiano dos cidadãos nas metrópoles e colônias, também se refletiu no esporte como será visto nas próximas seções.

## **O COMITÊ OLÍMPICO INTERNACIONAL E O COLONIALISMO**

Fundado no dia 23 de junho de 1894, o Comitê Olímpico Internacional nasceu no seio da aristocracia europeia. Entre os idealizadores que assinaram a carta de fundação da entidade estavam representantes de nove países: Bélgica, Espanha, Estados Unidos, França, Grécia, Itália, Reino Unido, Rússia e Suécia. Todos os presentes eram homens, brancos e membros de famílias burguesas. Além de viabilizar um resgate dos Jogos Olímpicos da Grécia Antiga para a Era Moderna, o COI também acreditava que o esporte poderia ser um elemento importante para a conciliação política e diplomática das nações.<sup>14</sup> Com a definição da primeira edição em Atenas, no ano de 1896, o grego Demetrios Vikelas tornou-se o primeiro presidente da entidade.

---

<sup>12</sup> FERRO. *A colonização explicada a todos*, p. 56-8.

<sup>13</sup> DELSAHUT. *Los Juegos Antropologicos de Saint-Louis*, p. 810.

<sup>14</sup> FREITAS. *A aproximação do Movimento Olímpico com os novos tempos: o caso dos fluxos migratórios e a Equipe Olímpica de Refugiados*, p. 131.

Porém, quem mais teve notoriedade nos primeiros anos do COI foi seu segundo presidente: Charles Pierre de Frédy, conhecido popularmente como o Barão Pierre de Coubertin. Nascido em Paris no ano de 1863 e membro de uma família aristocrática francesa, Coubertin foi um intelectual e a vivência no ambiente acadêmico, lhe inspirou na busca por reviver os antigos Jogos Olímpicos.

Uma das principais razões que o motivaram a persistir com a ideia dos Jogos era que o esporte auxiliava na formação moral e social do homem, além de ser um elemento vital para o progresso de uma sociedade como escreveu:

[...] o exercício físico – se concebido e aplicado de maneira correta – pode ajudar a forjar o caráter, tornar a polir uma comunidade, e, inclusive em tempos de democracia, oferecer um vínculo de união entre as classes sociais diferentes. Ultrapassa então suas estreitas fronteiras fisiológicas, e se estabelece no epicentro da educação entre a psicologia, por um lado, e a arte, por outro lado, e se converte em fator primordial de progresso geral.<sup>15</sup>

Após visitar a Inglaterra em 1883 e ter contato com as práticas esportivas que já vigoravam no país, Coubertin acreditava que as modalidades esportivas e a educação física seriam essenciais não somente no aspecto moral e social, mas também para a formação e preparação física de bons soldados no campo de batalha. O Barão levou em consideração essa questão militar devido a situação da França, que havia sido derrotada pelo Reino da Prússia na Guerra Franco-Prussiana no século XIX.<sup>16</sup>

Coubertin presidiu o COI por 29 anos, entre 1896 e 1925, sendo até hoje o mandatário com maior tempo no cargo. É em seu mandato que o Comitê Olímpico Internacional começou a se firmar de fato como uma entidade internacional influente. Sendo cada vez mais respeitado, o COI também precisou desenvolver seu lado político e administrar os interesses dos países-membros. E isso ultrapassava a esfera esportiva, mostrando como desde o surgimento da entidade a relação entre esporte e sociedade já se fazia presente. Esses interesses iam além das escolhas das cidades que sediariam os Jogos, já que envolviam questões morais e políticas do período. Um exemplo foi a participação das mulheres no evento.

---

<sup>15</sup> COUBERTIN. *Pierre de Coubertin: Olimpismo*, p. 211.

<sup>16</sup> FERREIRA JÚNIOR. *Colonisation Sportive*, p. 88.

Contrário as disputas femininas, que considerava “nada prático, nada interessante e nada estético” e que às mulheres cabia a função do “aplausos feminino como recompensa”,<sup>17</sup> Coubertin foi um ferrenho crítico das atletas mulheres devido a tradição dos Jogos da Grécia Antiga. Porém, devido à crescente demanda pela participação feminina na sociedade dos países ocidentais no início do século XX, o COI teve de ceder espaço a elas. Em Paris-1900 as primeiras mulheres foram autorizadas a competir, mas somente em cinco modalidades: tênis, vela, croquet, hipismo e golfe. Em outras como polo aquático e boxe, por exemplo, elas esperaram mais de um século para poderem enfim participar dos Jogos Olímpicos.

Figuras do colonialismo europeu também foram bastante influentes no início das atividades do COI entre o final do século XIX e início do século XX. Um deles foi o Rei Leopoldo II da Bélgica, bastante próximo da estrutura de poder do Comitê Olímpico Internacional. Ao longo de seu reinado, o monarca ocupou o atual território da República Democrática do Congo, transformando toda a área em uma colônia pessoal a nomeando como Estado Livre do Congo.<sup>18</sup> Ao mesmo tempo em que praticava um genocídio em solo africano,<sup>19</sup> Leopoldo II era um grande entusiasta da pedagogia do esporte, que identificava como uma “instrumentalização colonialista das práticas esportivas”.<sup>20</sup>

O rei belga também foi bastante próximo de Coubertin, tendo sido patrocinador dos ideais olímpicos e nomeado presidente de honra do Congresso Internacional do COI em 1905, realizado na cidade de Bruxelas.<sup>21</sup> Alguns anos antes, em 1901, o próprio Coubertin aproveitou de uma viagem do rei a Paris onde lhe solicitou patrocínio durante uma audiência.<sup>22</sup> Neste encontro, o Barão descreveu traços da personalidade de Leopoldo II e revelou que o monarca havia lhe solicitado a preparação de um programa esportivo:

Se considerasse interessante, a conversação se prolongava durante um bom tempo. Sua estatura elevada, seu olhar sempre um tanto zombeteiro e sua acuidade ao intervir o tornavam temível. Quando o visitante não

<sup>17</sup> COUBERTIN. *Pierre de Coubertin*, p. 705.

<sup>18</sup> HONORATO; PAIVA JÚNIOR. *Rei branco, morte negra: um olhar sobre a trajetória psicopolítica de Leopoldo II da Bélgica*, p. 250.

<sup>19</sup> Estima-se que 13 milhões de congolezes foram mortos durante a violenta colonização de Leopoldo II no território entre 1880 e 1908. HONORATO; PAIVA JÚNIOR. *Rei branco, morte negra*, p. 250.

<sup>20</sup> FERREIRA JÚNIOR. *Colonisation Sportive*, p. 89.

<sup>21</sup> FERREIRA JÚNIOR. *Colonisation Sportive*, p. 89.

<sup>22</sup> COUBERTIN. *Pierre de Coubertin*, p. 404.

resultava simpático, podia chegar inclusive à ironia. Gostava de esportes? Ou, melhor dizendo: tinha alguma vez gostado de esportes? Não posso afirmar isso com certeza, mas posso dar testemunho de que aquilatava seu valor como instrumento para a formação de indivíduos que se destacassem em seus empreendimentos coloniais. Alguns anos mais tarde encarregou-me de fazer projetos, regulamentos e programas para um “*collège de préparation coloniale*” cuja execução realizei com vivo prazer e lhe remeti depois de documentá-los em detalhe. Naturalmente, o desenvolvimento dos esportes desempenhava ali um papel importante. O projeto fracassou: eu o havia previsto laico e o rei assim o aprovou, mas influências religiosas o fizeram malograr completamente.<sup>23</sup>

A estreita ligação entre o COI e as elites coloniais entre o fim do século XIX e início do século XX, além da proximidade demonstrada por Coubertin nesse encontro com Leopoldo II, mostra bem como era a política do Movimento Olímpico neste período histórico. Nascido como elemento da aristocracia europeia, o COI também era parte dessa estrutura de poder e soube se valer desta forma de diplomacia para conseguir se firmar com uma entidade internacional e transnacional, mantendo boas relações com aristocratas e lideranças políticas e econômicas,<sup>24</sup> gerando assim um comportamento que se tornou natural no decorrer dos anos seguintes.

Se vigorava na época o pensamento de que o esporte formava caráter, era uma atividade nobre, tinha uma missão civilizadora e trazia moralidade a seus praticantes.<sup>25</sup> Em 1904, os Jogos em Saint Louis foram um dos ápices do pensamento colonial vigente no Movimento Olímpico no início do século XX, pois além das disputas esportivas no evento e dos controversos “Dias Antropológicos”, fortaleceu-se o discurso racista, colonial e supremacista branco.

### **OS CONTROVERSOS JOGOS OLÍMPICOS DE SAINT LOUIS-1904 E OS “DIAS ANTROPOLÓGICOS”**

A terceira edição dos Jogos Olímpicos aconteceu no ano de 1904 e pela primeira vez na história, o evento esportivo foi disputado fora do continente europeu. Após Atenas, na Grécia, no ano de 1896, e Paris, na França, em 1900, ficou decidido após uma

<sup>23</sup> COUBERTIN. *Pierre de Coubertin*, p. 404.

<sup>24</sup> RUBIO. Agenda 20+20 e o fim de um ciclo para o Movimento Olímpico Internacional, p. 25.

<sup>25</sup> QUINTILIO; ZIMMERMANN; PEREZ; MARCONI. A formação do atleta e a Educação Olímpica: a busca pelo estado de empoderamento, p. 266.

conferência do Comitê Olímpico, que os Jogos desta vez seriam do outro lado do Oceano Atlântico, nos Estados Unidos.

A escolha pelo país já era conhecida desde o primeiro Congresso do COI em 1894. Devido ao crescimento econômico dos Estados Unidos e ao bom desempenho dos atletas estadunidenses, restava apenas definir o local dos Jogos. Um detalhe importante é que nesta época vigorava em território estadunidense a legislação Jim Crow,<sup>26</sup> o que não foi um empecilho para escolha do país como sede em tempos de ideais colonialistas. Porém, ocorreu uma divergência sobre o local dos Jogos.

O Barão Pierre de Coubertin, então presidente do COI, defendeu a escolha de Chicago para ser o local das disputas olímpicas. Em alguns documentos e cartas sobre a definição dos Jogos de 1904, o mandatário do COI elogiou a estrutura da cidade no estado de Illinois e o comitê organizador pelo empenho e trabalho.<sup>27</sup> Além disso, os Jogos dariam o protagonismo ao Movimento Olímpico que a edição anterior em Paris não havia dado.

Em 1900 os Jogos foram sediados na cidade natal de Coubertin, porém, acabaram fazendo parte da programação da Exposição Universal, evento muito importante na época e que reuniu mais de 50 milhões de visitantes ao longo de sete meses.<sup>28</sup> A inclusão dos Jogos Olímpicos como parte da exposição não era o desejo do Barão, que criticou o fato do evento incluir no programa de “Concursos de Exercícios Físicos e Desportes” atividades de xadrez e bilhar, o que nada tinha a ver com o ideal olímpico.<sup>29</sup> Coubertin avaliou que a edição olímpica de Paris não teve o protagonismo que merecia e que os Jogos foram “reduzidos a uma vassalagem humilhante”.<sup>30</sup> Desta forma, a realização dos Jogos em uma cidade moderna como Chicago e em um país que iniciava seu processo para se tornar a maior potência global, era um dos objetivos do COI.

---

<sup>26</sup> A legislação Jim Crow foi um conjunto de leis estaduais e locais que aplicavam a segregação racial no sul dos Estados Unidos. Essas leis vigoraram entre os anos de 1877 e 1964.

<sup>27</sup> COUBERTIN. *Pierre de Coubertin*, p. 387.

<sup>28</sup> MACMILLAN. *A Primeira Guerra Mundial [...]*, p. 7-8.

<sup>29</sup> COUBERTIN. *Pierre de Coubertin*, p. 380.

<sup>30</sup> COUBERTIN. *Pierre de Coubertin*, p. 386.

O presidente estadunidense Theodore Roosevelt, que assumiu o cargo após o assassinato do então presidente William McKinley em 1901, foi uma figura importante na decisão dos Jogos irem para Saint Louis. Amigo pessoal de Coubertin, que definia o estadunidense como “um dos mais audaciosos e fervorosos sportsmen do mundo inteiro”,<sup>31</sup> Roosevelt estava em campanha pela reeleição no ano de 1904. Para o presidente, a transferência da competição para Saint Louis seria muito interessante para seus objetivos pelo fato de a cidade receber naquele ano a Exposição Universal.

A exposição era importante nacionalmente e geopoliticamente para os Estados Unidos. No campo nacional o evento celebraria, com um ano de atraso, o centenário da compra do território da Louisiana. A imensa área, com mais de 2 milhões de quilômetros quadrados, foi adquirida pelo país em 1803 após negociações com os franceses. Já no cenário global, os Estados Unidos estavam em franca ascensão imperialista e colecionavam conquistas no plano militar. Em 1898 o país anexou o território das Filipinas após vencer a Guerra Filipino-Americana e apoiou as forças cubanas na Guerra Hispano-Americana, que culminou na Independência de Cuba. Roosevelt tinha um plano ambicioso de política externa e divulgou esse documento em 1904 durante a fala anual do presidente ao Congresso estadunidense.<sup>32</sup> A ação ficou conhecida popularmente como Corolário Roosevelt.<sup>33</sup>

Simultaneamente, os Estados Unidos apoiavam processos de independência e autonomia na América Latina, Caribe e região do Pacífico, porém, ao mesmo tempo buscavam ampliar sua influência e não descartavam intervir militarmente em países que não seguissem sua cartilha ou para defender seus interesses como ocorreu na República Dominicana em 1903. Desta forma, os estadunidenses passaram a utilizar a intervenção militar como ferramenta frequente para efetivar seus interesses nos anos seguintes.

---

<sup>31</sup> COUBERTIN. *Pierre de Coubertin*, p. 389.

<sup>32</sup> OFFICE OF THE HISTORIAN. Message of the President: Papers relating to the foreign relations of the United States, with the annual message of the President transmitted to Congress, December 6, 1904, 1904.

<sup>33</sup> Esse projeto de política externa tinha como principal objetivo garantir o crescimento econômico, político e militar dos Estados Unidos através de uma ação expansionista. Roosevelt aplicou ainda a Diplomacia do Big Stick, em tradução livre a “Diplomacia do Grande Porrete”, onde os estadunidenses atuariam como a “polícia do mundo” para manter seus interesses no plano geopolítico.

Roosevelt também entendia que associando os Jogos à Exposição Universal, reforçaria ainda mais a imagem de potência militar e tecnológica dos Estados Unidos perante a comunidade internacional. Um exemplo foi que o presidente estadunidense realizou o discurso de abertura da exposição através de um telégrafo que era um dos principais destaques do evento e demonstrava o poderio tecnológico do país.<sup>34</sup> A realização dos Jogos em paralelo com outro grande evento internacional era tudo que Coubertin queria evitar.

Porém, a intensa pressão de James E. Sullivan, que ocupava o posto de organizador esportivo da exposição de Saint Louis, fez Coubertin recuar. Caso os Jogos Olímpicos não fossem disputados em Saint Louis como parte da Exposição Universal, Sullivan ameaçou organizar na cidade um evento esportivo concorrente. Pressionado, o COI se viu obrigado a aceitar a mudança do evento de Chicago para Saint Louis e ainda nomeou Sullivan como responsável pela organização dos Jogos.

Com a cidade sede definida começaram então os preparativos para a realização dos Jogos e convite para atletas e países. Porém, a infraestrutura da época somada ao longo período de disputas<sup>35</sup> e aos custos de viagem causou diversos problemas para os organizadores. Saint Louis está localizada na região Meio-Oeste dos Estados Unidos e a mais de 1500 km de distância do Porto de Nova York, na costa atlântica. Sem transporte aéreo, o deslocamento marítimo era a única forma dos estrangeiros chegarem ao país. Somada a longa viagem além-mar, as delegações ainda teriam que encarar uma extensa viagem de trem pelo país.

Todos estes obstáculos foram vitais para que muitos atletas europeus optassem por não viajar aos Estados Unidos. Outra questão que inviabilizou o deslocamento de atletas foi a Guerra Russo-Japonesa (1904-1905), que era travada nas águas do Oceano Pacífico. Quem também decidiu não comparecer presencialmente aos Jogos foi Coubertin, descontente pela escolha de Saint Louis ao invés de Chicago. O Barão inclusive chegou a classificar Saint Louis como “uma cidade cheia de desilusões”.<sup>36</sup> Além dos Comitês Olímpicos europeus, outros países foram convidados

---

<sup>34</sup> OLIVEIRA. *Jogos Políticos da Era Moderna*.

<sup>35</sup> Os Jogos de Saint Louis foram disputados entre o dia 1º de julho e 23 de novembro de 1904 para coincidir com a Exposição Universal. O longo período de competições esportivas fez com muitos países desistissem de enviar atletas.

<sup>36</sup> COUBERTIN. *Pierre de Coubertin*, p. 401.

como Canadá, Cuba, Austrália e África do Sul, que fez sua estreia olímpica. Devido a estes fatores, a esmagadora maioria dos atletas inscritos foi de estadunidenses.

Os Jogos foram os primeiros da história a premiar os três melhores atletas de cada evento com medalha de ouro para vencedor, prata para o vice-campeão e bronze para o terceiro colocado.<sup>37</sup> O amplo domínio estadunidense devido à baixa inscrição de estrangeiros foi notável, com os atletas do país conquistando 231 pódios, muito à frente dos alemães que vieram logo a seguir com 15 medalhas.

Sendo disputados em plena era do colonialismo, os Jogos de Saint Louis também acabaram sofrendo com a influência e efeitos dessa ideologia. Duas semanas antes do torneio olímpico ter início Sullivan e William J. McGee, então presidente da Associação Antropológica dos Estados Unidos e chefe do Departamento de Antropologia da Exposição Universal, decidiram criar uma competição chamada “Dias Antropológicos”. Esse evento serviria para que populações originárias de diversas partes do mundo consideradas como “inferiores”, pudessem realizar exposições esportivas e demonstrassem suas habilidades. Também tinha como objetivo, ratificar as teorias da época sobre a superioridade da civilização ocidental branca frente as demais e encerrar “boatos infundados sobre habilidades atléticas dos “selvagens” para preservar a integridade dos Jogos Olímpicos”.<sup>38</sup>

Aproveitando que existiam “atrações” com essas populações originárias durante a Exposição Universal, milhares deles foram convidados a participar, mas apenas cerca de cem homens acabaram disputando o evento.<sup>39</sup> Se os atletas olímpicos receberam medalhas por suas conquistas, os “selvagens” ganharam apenas uma bandeira dos Estados Unidos.<sup>40</sup>

A competição exclusiva para os ditos “seres inferiores”, também foi uma forma encontrada para unir dois fatos bastante populares no período: os estudos antropológicos e o esporte, criando assim “espaços interculturais” como define Brownell (2008):

A característica partilhada pela antropologia e pelos Jogos Olímpicos modernos era que elas eram formas de dar sentido aos encontros interculturais

<sup>37</sup> INTERNATIONAL OLYMPIC COMMITTEE. Olympic Games St. Louis 1904: about the game, 2023.

<sup>38</sup> DELSAHUT. Los Juegos Antropologicos de Saint-Louis, p. 812.

<sup>39</sup> FUKUZAWA. Olympics for Savages: The Anthropology Days, 2021.

<sup>40</sup> DELSAHUT. Los Juegos Antropologicos de Saint-Louis, p. 817.

entre seres humanos que começaram a ocorrer numa escala sem precedentes. No encontro entre o Ocidente e “o resto”, o esporte foi utilizado como “espaço intercultural” ou “zona de contacto”. O fascínio pelos selvagens fortaleceu a identidade do Ocidente ao definir “quem não somos”.<sup>41</sup>

Uma das atrações da Exposição Universal eram as exposições etnológicas, que ficaram popularmente conhecidos como os “zoológicos humanos”, “atrações” que se tornaram marca registrada do colonialismo da época. Como aponta Brownell (2008), a observação de animais em zoológicos serviu como modelo para estudar o ser humano.<sup>42</sup> No século XIX essa atividade tornou-se uma espécie de “show”, que rendia dinheiro e fama para os donos de circos que rodavam o mundo fazendo exposições de seres humanos tidos como exóticos.<sup>43</sup> Os “zoológicos humanos” ainda buscavam demonstrar a superioridade intelectual, física e moral do homem branco frente as demais etnias das colônias em uma espécie de “hierarquização racial”.<sup>44</sup> Assim como em Paris-1900, a edição de Saint Louis contou com uma “exposição” semelhante onde membros de povos originários das Américas, Ásia e África foram exibidos como animais silvestres para o público da Exposição Universal.

Nas exposições dos “zoológicos humanos” nas metrópoles europeias e nos Estados Unidos, membros de populações originárias e indivíduos com algum tipo de deficiência física ou mutilação, eram alvo frequente de zombaria por parte do público. Este mesmo comportamento se refletiu na esfera esportiva com os “Dias Antropológicos”. A difusão do comportamento supremacista racial nestes zoológicos humanos da Exposição Universal e nos Jogos Olímpicos de Saint Louis era, de acordo com Brownell (2008), algo comum para o período porque ambos seguiam uma lógica cultural e que gerava uma afinidade natural.<sup>45</sup>

---

<sup>41</sup> “The feature shared by anthropology and the modern Olympics was that they were ways of making sense out of the cross-cultural encounters between human beings that began to take place on an unprecedented scale. In the encounter between the West and “the Rest”, sports were used as “intercultural spaces” or “contact zones”. The fascination with savages strengthened the identity of the West by defining “who we are not” (tradução nossa). BROWNELL. Introduction: bodies before Boas, sport before the laughter left, p. 2.

<sup>42</sup> BROWNELL. Introduction, p. 20.

<sup>43</sup> ÉSTHER. Senhoras e senhores, aproximem-se! Bem-vindos ao maior espetáculo da Terra!, p. 980.

<sup>44</sup> DELSAHUT. Los Juegos Antropologicos de Saint-Louis, p. 811.

<sup>45</sup> BROWNELL. Introduction, p. 29.

Os zoológicos humanos na Feira de Saint Louis, e conseqüentemente os “Dias Antropológicos”, reforçavam a campanha estadunidense de assimilação aos povos nativos no país. Também confirmavam a superioridade do homem branco em sua missão nacionalista e divina de expandir o território estadunidense ao Oeste, processo que foi feito ao longo do século XIX, e conduziria os Estados Unidos a prosperidade no chamado Destino Manifesto.<sup>46</sup>

Sullivan e McGee foram bastante influenciados pelas teorias em voga na época como racismo, eugenia e darwinismo social, utilizadas como tese para explicar a superioridade da raça branca frente as demais etnias. A dupla se questionava se os membros de populações originárias seriam capazes de realizar atividades esportivas, como correr, nadar e saltar, além de compreender as regras das modalidades.

Desta forma, alguns homens de diversos grupos étnicos foram convidados ou enviados para participar das disputas em Saint Louis. Esses indivíduos eram oriundos de diferentes partes do mundo, entre eles pigmeus africanos, ainus japoneses, representantes esquimós do Círculo Polar Ártico e populações originárias da Patagônia argentina, da ilha de Vancouver no Canadá, das Filipinas e de diversas regiões dos Estados Unidos.<sup>47</sup>

Os “Dias Antropológicos” foram realizados em dois dias, 12 e 13 de agosto, e todos os homens participantes tiveram que realizar as atividades para um público de até 10 mil pessoas. Ele tinham suas características e habilidades físicas julgadas pelos organizadores e durante o evento, competiram entre si tendo que realizar atividades que faziam parte do programa olímpico, e que nem todos estavam habituados como o cabo de guerra, além das outras tidas como “de selvagens”, caso do lançamento de lanças e varas, atirar com arco e flecha, escalar paredes, entre outras.<sup>48</sup> Os avaliadores não se impressionaram com as performances, já que alguns resultados ficaram muito distantes dos resultados dos atletas olímpicos. Um pigmeu da etnia Mbuti chamado Shamba, correu 100 jardas em mais de 14 segundos,

---

<sup>46</sup> A teoria do Direito Manifesto foi uma crença popular que dizia que os cidadãos estadunidenses brancos foram escolhidos por Deus para civilizar o continente americano. A “marcha para o Oeste” em direção ao Oceano Pacífico culminou no massacre da população originária e na ocupação de territórios. OLIVEIRA, *Jogos Políticos da Era Moderna*.

<sup>47</sup> FORSYTH; WAMSLEY. *Symbols without substance: aboriginal peoples and the illusions of Olympic Ceremonies*, p. 232.

<sup>48</sup> FORSYTH; WAMSLEY. *Symbols without substance*, p. 232.

desempenho classificado como medíocre pelos avaliadores que afirmaram que qualquer atleta estadunidense branco seria muito mais veloz que o jovem pigmeu.<sup>49</sup>

Entre os participantes dos Dias Antropológicos estavam dois homens negros da etnia zulu e oriundos da África do Sul: Len Taunyane e Jan Mashiri. Ambos foram enviados a Saint Louis para participar da Exposição Universal em uma exibição sul-africana sobre a Guerra dos Bôeres. Após participarem dos “Dias Antropológicos”, Taunyane e Mashiri foram escalados para correr a maratona olímpica. Sem treinamento para tal, a dupla correu descalça o percurso e com chapéus de palha. A cena inusitada tornou-se motivo de chacota para o público presente<sup>50</sup> e a participação dos sul-africanos entrou para a história por ter sido a primeira de atletas negros em Jogos Olímpicos, algo que se tornaria frequente nas edições seguintes.

Os membros de populações originárias não conheciam as regras das modalidades olímpicas que tiveram que disputar e a baixa performance em comparação aos brancos, somente reforçou o pensamento supremacista de que esses “indivíduos primitivos não poderiam competir contra os homens civilizados”,<sup>51</sup> ignorando completamente que existiam diferenças culturais e que estes sujeitos jamais haviam disputado essas modalidades antes. Sullivan avaliou ainda alguns resultados das performances dos participantes dos “Dias Antropológicos”, as comparando com o desempenho dos atletas estadunidenses brancos que competiram no programa olímpico do COI. Em sua avaliação ele utilizou termos depreciativos e escreveu ainda que as populações originárias não tinham inteligência necessária para trabalhar coletivamente.<sup>52</sup>

Mas Sullivan e McGee também colheram frutos amargos na empreitada que não conseguiu atrair tanta atenção dos expectadores da feira. Estima-se que apenas 10 mil pessoas acompanharam as disputas entre os “selvagens”, número ínfimo comparado ao total de público que passou pela Exposição Universal. A dupla tentou realizar novamente uma edição dos “Dias Antropológicos” no mês seguinte, desta vez oferecendo treinamento aos participantes.<sup>53</sup> Porém, o pouco material referente ao evento nos leva a crer que a nova edição também tenha sido outro fracasso.

---

<sup>49</sup> DELSAHUT. *Los Juegos Antropologicos de Saint-Louis*, p. 813.

<sup>50</sup> O'TOOLE. *The Athletes*, 2015.

<sup>51</sup> FORSYTH; WAMSLEY. *Symbols without substance*, p. 232.

<sup>52</sup> FORSYTH; WAMSLEY. *Symbols without substance*, p. 233.

<sup>53</sup> FUKUZAWA. *Olympics for Savages*, 2021.

Já a imprensa dos Estados Unidos destacou os “Dias Antropológicos” como uma experiência válida, baseando-se nos estudos científicos da época que difundiam e justificavam a desigualdade racial classificando os membros de populações originárias como inferiores. Esse pensamento da mídia, através de artigos de opinião e reportagens, também ajudou a fortalecer no imaginário coletivo que os estadunidenses eram superiores não apenas nas arenas esportivas, mas também no plano cultural e no modo de vida.<sup>54</sup>

Delsahut (2011) afirma que a imprensa foi um espaço de expressão extremamente vital para o fortalecimento e difusão dos ideais racistas, supremacistas e coloniais da política estadunidense devido:

Em primeiro lugar, a imprensa assegurou a crença numa espécie humana dividida em “raças humanas”, que deviam ser ordenadas. O vocabulário de estigmatização da selvageria foi reforçado por uma produção iconográfica frequentemente violenta, creditando a ideia de uma subhumanidade estagnada, a humanidade dos confins coloniais, à fronteira da humanidade e da animalidade. Expressões como “bárbaros”, “comedores de cães”, “povos primitivos” ou “raças estranhas de homens”, adjetivos como “Aïnu cabeludo” ou “canibais” (um subgrupo do grupo africano) serviam, segundo Matti Goksy, para manter uma distância social, uma diferença de status entre visitantes e pessoas. [...] Nesta animalização, a transgressão dos valores e normas que constituem, para a América a civilização é um elemento propulsor e permite legitimar a brutalidade dos conquistadores em animalizar o conquistado ou em tornar-se um.<sup>55</sup>

O desempenho dos membros de povos originários nas atividades esportivas e a esmagadora performance estadunidense no número total de medalhas dos Jogos Olímpicos de Saint Louis, serviram como pretexto para a imprensa dos Estados Unidos reforçar a ideologia racista e supremacista para seus leitores. Só que desta vez, através do esporte.

---

<sup>54</sup> DELSAHUT. Los Juegos Antropologicos de Saint-Louis, p. 818.

<sup>55</sup> “En primer lugar ella aseguraba la creencia en una especie humana dividida en “razas humanas”, que se tenía que ordenar. El vocabulario de estigmatización del salvajismo fue esforzado por una producción iconográfica frecuentemente violenta, acreditando la idea de una subhumanidad estancada, humanidad de los confines coloniales, a la frontera de la humanidad y de la animalidad. Las expresiones como “barbaros”, “comedor de perros”, pueblos primitivos” o “extrañas razas de hombre”, los calificativos como “Aïnu peludos” o “caníbales” (un subgrupo del grupo africano) servían, según Matti Goksy, a mantener una distancia social, una diferencia de estatuto entre los visitantes y los pueblos. [...] Em esta animalización, la transgresión de los valores y de las normas que constituyen, para América, la civilización es un elemento motor y permite legitimar la brutalidade de los conquistadores en animalizando los conquistados o en paso de serlo” (tradução nossa). DELSAHUT. Los Juegos Antropologicos de Saint-Louis, p. 818-19.

Alertado por membros do COI que estiveram em Saint Louis sobre a realização dos Dias Antropológicos, Coubertin foi extremamente crítico com a situação:

Em nenhum outro lugar a não ser na América se teriam atrevido a incluir tais números no programa de uma Olimpíada, mas aos americanos tudo é permitido; seu ardor juvenil fez com que as sombras dos grandes antepassados helenos se inclinassem à indulgência, se por acaso tivessem vagado naqueles momentos entre a multidão divertida.<sup>56</sup>

Ele ainda classificou a edição olímpica como uma comédia e afirmou que tudo isso “perderia a graça no dia em que negros, amarelos e vermelhos aprenderem a correr, nadar, saltar e arremessar deixando os brancos para trás”.<sup>57</sup>

O comentário de Coubertin pode ser encarado como profético e problemático simultaneamente. Por um lado, mostrou que o Barão acreditava que os ditos inferiores poderiam melhorar suas habilidades esportivas para competir de igual para igual com os brancos algum dia, mas por outro lado, refletiu o pensamento racista vigente da época, onde no imaginário coletivo atestava-se a superioridade da raça branca sobre as demais e que os ditos inferiores, só conseguiriam seguir sua evolução com o auxílio do homem branco. Como as participações de atletas não-brancos até aquele momento em Jogos Olímpicos era ínfima, essa mentalidade permaneceu presente na esfera olímpica. Assim, conclui-se que se essa dita supremacia racial estava presente na sociedade, obviamente também se refletiria nos mais diversos campos, caso do esporte.

## **O FORTALECIMENTO DO IDEAL OLÍMPICO APÓS OS JOGOS DE SAINT LOUIS**

Terminada a edição de Saint Louis, o COI tinha como objetivo evitar realizar uma edição olímpica simultaneamente com outra Exposição Universal. Como já mencionado neste artigo, Coubertin não ficou satisfeito com o que viu nas edições de Paris-1900 e Saint Louis-1904. Em ambos os casos os Jogos Olímpicos teriam sido ofuscados pelas exposições e segundo o Barão, era necessário desvincular o Movimento Olímpico da Exposição Universal.<sup>58</sup> O assunto foi abordado durante a 6ª Sessão do Comitê Olímpico

<sup>56</sup> COUBERTIN. *Pierre de Coubertin*, p. 395.

<sup>57</sup> OLIVEIRA. *Jogos Políticos da Era Moderna*.

<sup>58</sup> ALMEIDA; RUBIO. *Internationalism and the first editions of the Modern Olympics*, p. 38.

Internacional, em junho de 1904 na cidade de Londres. Além deste tema, também ficou definido que Roma seria a sede da quarta edição olímpica em 1908.

Porém, devido a uma tragédia natural o COI teve que mudar a cidade-sede de 1908 as pressas. Em abril de 1906 o Monte Vesúvio entrou em erupção e devastou a região de Nápoles, no sul do país. Para reparar os danos sofridos o governo italiano decidiu utilizar boa parte da verba destinada aos Jogos Olímpicos na recuperação da região afetada pelo terremoto. Desta forma, Roma desistiu de sediar o evento.<sup>59</sup>

No mesmo ano de 1906, ocorreu uma competição bastante peculiar na história olímpica. Celebrando dez anos da primeira edição dos Jogos em Atenas, a capital grega foi palco de um evento que ficou conhecido popularmente como Jogos Intermediários. Esse evento não foi considerado pelo COI como uma edição oficial do Jogos Olímpicos, porém, impactou no futuro da entidade e dos Jogos:

Para Krüger (1999, p. 8), os Jogos Olímpicos Intermediários foram muito importantes para o desenvolvimento do COI, pois após o declínio de interesse gerado pela conexão com as Exposições Universais, esses Jogos podem ser considerados o primeiro e principal evento midiático. Jornais esportivos foram criados, além de criarem o *Tour de France* e o *Giro d'Italia*. Mathys (1979) corrobora com o pensamento de Krüger (1999) de que os Jogos Intermediários serviram para fortalecer o ideal olímpico, por mais que houvesse certo descontentamento de Coubertin e de alguns membros do COI quanto à quebra do ciclo de quatro anos entre uma edição e outra.<sup>60</sup>

Além de maior interesse midiático e do fortalecimento do ideal olímpico, o evento em 1906 também foi importante para formalização de regras e envio de convites aos países participantes,<sup>61</sup> criando tradições que se manteriam presentes em edições futuras dos Jogos. Outro exemplo foi o desfile das delegações participantes com suas respectivas bandeiras nacionais, que contou nos Jogos Intermediários com 20 países participantes.<sup>62</sup> O COI aprovou a ideia do desfile e o ato passou a ser repetido a partir da edição olímpica de 1908 e segue presente até hoje nas cerimônias olímpicas.

Com a desistência de Roma, o COI precisou definir uma nova sede para a edição olímpica de 1908 e nomeou Londres como a cidade responsável por receber o evento. Porém, a capital britânica sediaria na mesma época a Feira Franco-Britânica,

<sup>59</sup> OLIVEIRA. *Jogos Políticos da Era Moderna*.

<sup>60</sup> GIGLIO. *COI x FIFA: A história política do futebol nos Jogos Olímpicos*, p. 136-7.

<sup>61</sup> ALMEIDA; RUBIO. *Internationalism and the first editions of the Modern Olympics*, p. 40.

<sup>62</sup> OLIVEIRA. *Jogos Políticos da Era Moderna*.

uma exposição pública que visava celebrar as boas relações políticas e diplomáticas entre os dois países após séculos de turbulências.<sup>63</sup> Mesmo dividindo atenção com a Feira, os Jogos Olímpicos em Londres foram revolucionários em alguns aspectos, como na questão de infraestrutura. Para a competição foi erguido um enorme estádio para quase 70 mil espectadores que recebeu o nome de White City Stadium. Dentro dele foi construída uma piscina de 100 metros onde foram realizadas as disputas da natação, polo aquático e saltos ornamentais. As modernas instalações foram bastante elogiadas por Coubertin, que as classificou como “colossais”.<sup>64</sup> O Barão ainda afirmou que desta vez a Feira Franco-Britânica não foi um entrave aos Jogos, mas sim um viabilizador de fundos no que ele classificou como uma “revanche divertida das experiências precedentes”.<sup>65</sup>

Em 1925, após 29 anos à frente da entidade, Coubertin deixou o posto e em seu lugar assumiu o belga Henri de Baillet-Latour. Conde e membro da aristocracia europeia do início do século XX,<sup>66</sup> o novo presidente tinha posições conservadoras em algumas questões, como por exemplo, ser contrário a uma maior participação feminina em eventos olímpicos.<sup>67</sup> Enquanto os Jogos atingiam um novo patamar de organização e se tornavam cada vez mais populares, a estrutura de poder do COI tinha poucas mudanças. A mentalidade colonial e eurocêntrica permanecia vigente com os mesmos homens brancos e aristocratas de sempre ditando os rumos da entidade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como visto ao longo deste artigo, as influências do colonialismo estiveram presentes durante os Jogos Olímpicos de Saint Louis em 1904. Seja na participação exclusiva das potências ocidentais no evento, seja na realização dos famigerados “Dias Antropológicos” que visavam justamente reforçar este ideal de supremacia racial e civilizacional. Em meio a tantas teorias e ideias preconceituosas, ações coloniais puderam ser vistas na competição e nas atitudes de seus organizadores.

<sup>63</sup> OLIVEIRA. *Jogos Políticos da Era Moderna*.

<sup>64</sup> COUBERTIN. *Pierre de Coubertin*, p. 408.

<sup>65</sup> COUBERTIN. *Pierre de Coubertin*, p. 412.

<sup>66</sup> OLIVEIRA. *Jogos Políticos da Era Moderna*.

<sup>67</sup> WAMSLEY; PFISTER. *Olympic Men and Women: the politics of gender in the modern games*, p. 113.

A edição olímpica foi também importante para a política e afirmação internacional dos Estados Unidos, que se consolidariam na década seguinte, após a I Guerra Mundial, como a maior potência econômica do mundo. A realização do evento na cidade de Saint Louis, em meio a Exposição Universal, ao invés de Chicago, escolha do COI e de seu presidente, apenas atestaram a força dos estadunidenses que viram na junção dos Jogos com a exposição, uma ótima vitrine para não só recordar um sentimento patriótico e nacionalista, como para se apresentar para o mundo como uma nação inovadora.

Saint Louis-1904 também foi outro exemplo de como as relações controversas do COI podem ser questionadas. Ao mesmo tempo em que pregava uma diplomacia e união através do esporte, o Comitê Olímpico Internacional e Coubertin fechavam os olhos para as atitudes de seus países membros, optando por não intervir em assuntos políticos e mantendo uma posição de neutralidade, como visto na relação próxima com o Rei Leopoldo II da Bélgica.

Como aponta Ferreira Júnior (2021): "Coubertin e seu Movimento Olímpico eram filhos de seu tempo. Nem criador nem criatura podiam escapar ilesos de um contexto histórico em que pessimismo racial e darwinismo social ocupavam um importante espaço no sistema de ideias europeu à época".<sup>68</sup>

Desta forma, pode-se concluir que a edição de 1904 deixou impactos e legados importantes para o futuro dos Jogos Olímpicos. A realização das atividades esportivas de forma simultânea as Feiras Mundiais foram revistas, porém, o espírito colonialista e de superioridade racial e civilizatória permaneceu presente por mais algum tempo no ambiente olímpico. Fato é, que esses Jogos entraram para a história não somente pela má organização e pelas situações polêmicas, mas também por mostrar como o esporte foi um relevante espaço para manifestação do pensamento colonialista, refletindo no campo esportivo os efeitos da sociedade na qual está inserido.

\* \* \*

---

<sup>68</sup> FERREIRA JÚNIOR. *Colonisation Sportive*, p. 76.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, William Douglas; RUBIO, Katia. Internationalism and the first editions of the Modern Olympics. **International Sports Studies**, v. 40, n. 2, p. 34-46, 2018.
- BROWNELL, Susan. Introduction: bodies before boas, sport before the laughter left. In: BROWNELL, Susan (Ed.). **The 1904 Anthropology Days and Olympic Games: Sport, Race, and American Imperialism**. Lincoln: University of Nebraska Press, 2008, p. 1-58.
- CÉSAIRE, Aimé. **Discurso sobre o colonialismo**. São Paulo: Veneta, 2020.
- COUBERTIN, Pierre de. **Pierre de Coubertin: Olimpismo – seleção de textos**. Porto Alegre: EdUPUCRS, 2015.
- DELSAHUT, Fabrice. Los Juegos Antropologicos de Saint-Louis. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, v. 33, n. 4, p. 809-23, 2011.
- ÉSTHER, Angelo Brigato. Senhoras e senhores, aproximem-se! Bem-vindos ao maior espetáculo da Terra!, **Farol - Revista de Estudos Organizacionais e Sociidade**, Belo Horizonte, v. 7, n. 20, p. 978-89, 2020.
- FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.
- FERREIRA JÚNIOR, Neilton. *Colonisation Sportive: o laboratório da “simbiose” racismo e esporte moderno*. **Revista do Centro de Pesquisa e Formação**, São Paulo, n. 13, p. 73-98, 2021.
- FERREIRA JÚNIOR, Neilton; RUBIO, Katia. Revisitando a “raça” e o racismo no esporte brasileiro: implicações para a Psicologia Social. In: RUBIO, Katia; CAMILO, Juliana A. de Oliveira (Orgs). **Psicologia social do esporte**. São Paulo: Képos, 2019, p. 183-208.
- FERRO, Marc. **A colonização explicada a todos**. São Paulo: Editora Unesp, 2017.
- FORSYTH, Janice; WAMSLEY, Kevin B. Symbols without substance: aboriginal peoples and the illusions of Olympic Ceremonies. In: YOUNG, Kevin; WAMSLEY, Kevin B. (Ed.). **Global Olympics: historical and sociological studies of the modern games**. Oxford: Elsevier, 2005, p. 227-47.
- FREITAS, Guilherme Silva Pires de. A aproximação do Movimento Olímpico com os novos tempos: o caso dos fluxos migratórios e a Equipe Olímpica de Refugiados. **Olimpianos – Journal of Olympic Studies**, São Paulo, n. 6, p. 129-43, 2022.
- FUKUZAWA, Hosanna. Olympics for Savages: The Anthropology Days, 2021. Disponível em: <https://www.hosannafukuzawa.com/anthropologyday/>. Acesso em: 22 dez. 2023.
- GIGLIO, Sergio Settani. **COI x FIFA: A história política do futebol nos Jogos Olímpicos**. Tese (Doutorado), Escola de Educação Física e Esporte, USP, 2013.
- GIGLIO, Sergio Settani; RUBIO, Katia. A hegemonia europeia no Comitê Olímpico Internacional. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 31, n. 1, p. 291-305, 2017.

HONORATO, Felipe Antonio; PAIVA JÚNIOR, Paulo Cesar de Abreu. Rei branco, morte negra: um olhar sobre a trajetória psicopolítica de Leopoldo II da Bélgica. **África(s)**, Alagoinhas, v. 7, n. 13, p. 244-58, 2020.

INTERNATIONAL OLYMPIC COMMITTEE. Olympic Games St. Louis 1904: about the game, 2023. Disponível em: <https://olympics.com/en/olympic-games/st-louis-1904>. Acesso em: 23 dez. 2023.

MACMILLAN, Margaret. **A Primeira Guerra Mundial... que acabaria com as guerras**. São Paulo: Globo Livros, 2014.

OFFICE OF THE HISTORIAN. Message of the President: Papers relating to the foreign relations of the United States, with the annual message of the President transmitted to Congress, December 6, 1904. Disponível em: <https://bit.ly/3TuG0Hn>. Acesso em: 23 dez. 2023.

OLIVEIRA, Paulinho. **Jogos Políticos da Era Moderna**. Fortaleza: Editora do Autor – Versão Ebook, 2020.

O'TOOLE, Sean. The Athletes, 2015. Disponível em: <https://bit.ly/47nqUJz>. Acesso em: 22 dez. 2023.

PEREZ, Alberto Aragon. Royalty and the Olympic Games: from Ancient Greece to the Present Day. **Journal of Olympic History**, London, v. 23, n. 2, p. 22-31, 2015.

QUINTILIO, Natália Kohatsu; ZIMMERMANN, Maria Alice; PEREZ, Carlos Rey; MARCONI, Juliana Rodrigues. A formação do atleta e a Educação Olímpica: a busca pelo estado de empoderamento. In: RUBIO, Katia (Org.). **Do pós ao neo Olimpismo: esporte e movimento olímpico no século XXI**. São Paulo: Képos, 2019, p. 263-82.

RUBIO, Katia. Agenda 20+20 e o fim de um ciclo para o Movimento Olímpico Internacional. **Revista USP**, São Paulo, n. 108, p. 21-8, 2016.

WAMSLEY, Kevin B.; PFISTER, Gertrud. Olympic Men and Women: the politics of gender in the modern games. In: YOUNG, Kevin; WAMSLEY, Kevin B. (Ed.). **Global Olympics: historical and sociological studies of the modern games**. Oxford: Elsevier, 2005, p. 103-25.

\* \* \*

Recebido em: 22 jan. 2024.

Aprovado em: 13 set. 2024.